

COMANDANTE PAIVA* E O NH*i* RIO BRANCO

Parte III

MAURICE LUCIO TARRISSE DA FONTOURA
Capitão-de-Mar-e-Guerra (Ref^o)

A Hidrografia não pode deixar de homenagear o Comandante Paiva pelo seu trabalho na Marinha.

Foram anos de muita disposição e empenho, com a modéstia que o caracterizava.

INTRODUÇÃO (Texto repetido)

Recebemos do Almirante Hélio Leôncio Martins carta da qual transcrevemos alguns trechos:

“Com o falecimento do Leopoldo Paiva (grande amigo meu), a família mandou-me coisas da Marinha que encontrou em seus guardados.

Entre elas veio uma coleção de cartas escritas a ele, Paiva, por um seu antigo

oficial no *Rio Branco*, Tarrisse, lembrando fatos e pessoas da época (1949/50) em que estiveram juntos naquele navio, que julguei deliciosas. De uma maneira cândida e espirituosa, retratam bem o dia-a-dia de bordo.

Estou mandando-as junto a esta e minha proposta é que sejam publicadas na *RMB*. Isso me satisfaz porque dá uma certa ênfase às qualidades marinheiras e de líder do Paiva.”

* N.R.: Vice-Almirante (Ref^o) Leopoldo Francisco Correia Dias de Paiva.

PRIMEIRA CARTA

(Texto repetido da Parte I)

Caro Comandante Paiva, Rio, 7 de novembro de 1999

O Sr. deve estranhar o Tarrisse não usar o tratamento de Almirante. Não é nenhuma falta de respeito; ao contrário, é que pertença ao grupo de oficiais que se orgulham de tê-lo tido como comandante. Quando citamos fatos ocorridos em nossa vivência na Marinha com o Comandante Paiva ou deles nos lembramos, o fazemos com imensa admiração e gratidão.

O Sr. foi um exemplo que todos nós procuramos seguir. Muito, mas muito mesmo, aprendemos de direção humana. O seu exemplo em conduzir homens e navios nos fez ver o quanto fomos privilegiados na nossa formação. Se por acaso, em nossas lides profissionais, algum de nós não foi plenamente bem-sucedido, não foi por falta de um excelente professor.

Reverendo fotos daqueles bons tempos que vivi no Navio-Hidrográfico *Rio Branco* (1949/1951), vieram à memória alguns fatos que resolvi passar para folhas de papel – não fosse eu o Encarregado de Cálculos e Folhas de Bordo...

E tomei a liberdade de encaminhá-las ao Exm^o Sr. Almirante, digo, ao Ilm^o Sr. Comandante, que notará serem relatos dentro do espírito alegre que reinava.

As xerox das fotos nem sempre são nítidas e algumas não são de seu período de Comando e sim do de seu predecessor (seu imediato), o Capitão-Tenente Cunha*. Infelizmente, o tempo e a “esclerose” não mais me permitem ser tão preciso como desejaria, como na época da ocorrência dos fatos.

Respeitosamente,

Tarrisse

“EGA” HIDROGRÁFICO

(1949/1951)

Rio, 03 de junho de 2000.

Comandante Paiva,

Embora um pouco tarde peço perdão por não tê-lo alertado. Talvez ainda haja tempo, pois não sei do “prazo de validade” dos artigos em causa...

Tarrisse

Encarregado de Cópias de Fatos e Fotos

No NHÍ *Rio Branco* fui Encarregado do Convés e tinha sob minha responsabilidade a escotéria e todo o seu armamento. Era portanto o EGA do navio.

Esta função era um “prato cheio” para quem gostava de armas e de dar tiros.

A escotéria ficava ao lado do meu camarote, possuía um apreciável acervo de armas portáteis: algumas “mauzer-violino”,

várias pistolas 45 e muitos fuzis 9mm; todos dotados de bastante munição.

Instrução de tiro

O comandante do navio resolveu que, quando em alto-mar, eu desse instrução de manejo destas armas aos marinheiros e sargentos.

* N.R.: Capitão-de-Mar-e-Guerra (Ref^o) Fernando Luiz da Cunha.

Nos portos me equipava com bolas de soprar, que serviriam de alvo. Elas, bem cheias, eram largadas na esteira do navio e o pessoal, após treino de manuseio das armas, um de cada vez, praticava tiro ao alvo, procurando acertá-las. O "stand de tiro" ficava no convés superior, à ré. Os marinheiros treinavam com os fuzis e os sargentos com as pistolas.

Após cada sessão, graças à pontaria do pessoal, o mar ficava coalhado de bolas coloridas. E os navegantes, na certa, ficavam se perguntando onde teria ocorrido semelhante festa infantil.

Que perigo!!!

Mas antes disso, logo que assumi esta agradável função, fui com o responsável, um CB-AT, que também era o cantineiro do navio, dar "uma geral" na escotéria. Havia, além das armas, todas bem conservadas por ele, muita munição para todas as armas. Verifiquei que uma grande quantidade de cartuchos estava em mau estado, devido a uma infiltração no teto do compartimento.

Navio atracado na Doca Onze de Junho, abri a vigia da escotéria e fui jogando ao mar a munição que julgava imprestável, só guardando a que parecia perfeita; sábia providência de um sujeito responsável...

Passa-se algum tempo e o Centro de Armamento da Marinha (CAM) "cobrou" do navio, num discreto "teco", uma tal de Folha G. Era a informação anual sobre o armamento existente a bordo.

Informado do "teco", fiz o recenseamento do referido material, preenchi um rascunho da Folha G, entreguei ao "escriba", me despedi dos amigos e voltei ao mar ou mato (não me lembro ao certo). O formulário, devidamente preenchido, e assinado por autoridade de bordo, foi encaminhado.

Correu mais tempo ainda, agora o navio novamente no Rio, o EGA é chamado ao

Centro de Armamento. Vou até lá e me apresento ao CC Luiz Penido Burnier, que já conhecia da Escola Naval.

Ele estava munido daquela nossa Folha G. Nela encontrara dois problemas, ou melhor, duas "charadas" a resolver. A primeira ele já tinha "matado"; o "escriba", ou quem sabe eu mesmo, tinha trocado a quantidade de fuzis com as pistolas, "futebolizando" nosso armamento; ele mesmo desfez o engano.

Mas a outra era intrigante. Pelas Folhas G anteriores, que eu não tinha encontrado cópia a bordo, não constava tanta munição, fosse de fuzil, pistola ou metralhadora: era um montão a mais!!! Meio na gozação, pensando em outro engano, ele me perguntou:

– Onde você arranjou ou comprou tanta munição?

– Nem uma coisa, nem outra. Fazia parte da que encontrei a bordo.

Ele, então, comentou que realmente havia casos em que davam "baixa" na munição sem todavia utilizá-la, com objetivo de que o CAM recompusesse os estoques e concluiu que devia ter acontecido isto a bordo, em gestões anteriores.

Completando minhas informações, disse que uma outra grande parte "gastei" na instrução do pessoal, o que ele até elogiou, e outra parte, grande também, por julgá-la estragada, joguei no mar. Perguntou onde joguei e, quando disse que fora na Doca Onze de Junho, ele se espantou e disse que fôra uma loucura, um perigo, etc. e que toda munição a ser inutilizada devia ser devolvida ao CAM que iria recolhê-la na Ilha do Paiol para depois, com toda segurança, lançá-la em alto-mar. Conclusão: "minei" a Doca!!!

Regressando a bordo, não entrei em muitos detalhes sobre os entendimentos no CAM. Mas eu, e somente eu, vivia muito preocupado. Quem sabe se num fundeio

de algum navio o ferro fosse "pousar" naquele paiol submerso... ou então um peixe-martelo aloprado resolvesse martelar aque-

la munição... A Doca 11 de Junho iria pro espaço e a Ilha Fiscal voltaria a ficar como nos idos, idos, idos...

ORDENS SÃO ORDENS!

(1949/1951)

Rio, 11 de fevereiro de 2001.

Caro Comandante Paiva.

Mais duas ocorrências daqueles bons tempos.

Embora decorridos cinqüenta aninhos, ousou dizer que "Ser Charmoso!!!" também tem a ver com o Rio Branco e V. Sa., pois só aconteceu por eu ter ido colocar, na caixa do Correio, a sua correspondência do dia 6.

Atenciosamente

Tarrise

Encarregado de Cópias de Fatos e Fotos

NHi *Rio Branco* atracado na Doca Onze de Junho.

Uma manhã, ao chegar a bordo, passo por um sargento e uns marinheiros com cassetetes, juntos à porta de boreste da praça-d'armas. Entro e lá estava o Rodolpho, oficial de serviço, "inquirindo" um senhor de avental branco; passei por eles rumo ao meu camarote. Por mais que estivesse acostumado a coisas "interessantes" no navio, curioso, procurei me inteirar do que ocorria.

Eis os fatos:

Quarto d'alva. O cozinheiro de bordo recebe, entre outros artigos, as carnes para o rancho do dia; quando estas degelaram, verificou que o fígado estava estragado. Foi comunicar o fato ao "caveira-de-pau", o qual tomou as providências cabíveis. Chamou um quinca que, regressando do licenciamento, estava chegando ao navio, e determinou que fosse devolver o material estragado ao açougue, que ficava próximo ao Ministério. O Rodolpho, um perfeito

diplomata, deu certa ênfase ao que deveria ser dito ao açougueiro sobre o "destino" a dar ao fígado podre...

O marinheiro voltou todo aquele longo caminho, que acabara de percorrer, sofrendo as gozações dos outros elementos da guarnição que se dirigiam para bordo. Devidamente "espoletado", chegou ao destino e jogou "delicadamente" sobre o balcão a mercadoria estragada e despejou o que o Rodolpho tinha dito e mais o que havia ruminado no trajeto.

O açougueiro, munido de um facão, pulou o balcão procurando estraçalhar ou, quem sabe, extrair o fígado do mensageiro, que disparou de regresso a bordo onde informou que ao devolver a mercadoria o dono do açougue tivera uma reação inexplicavelmente violenta.

Rodolpho mandou uma escolta buscar o dito, e foi nesse momento que eu cheguei a tempo de assistir ao final do "entrevero" que acabou sem maiores conseqüências.

ONDE HÁ FUMAÇA...

(1949/1951)

Rodolpho e eu partimos com alguns marinheiros para uma observação noturna no sinal do Pico do Congonhas, entre Itajá e Camboriú. Era inverno e lá no alto fazia muito frio.

Após completar a sua parte, o Rodolpho se afastou do sinal e eu fiquei, junto com o sinaleiro/anotador, fazendo as demoradas observações.

Lá pelas tantas, sinto cheiro de pano queimado e vejo fumaça saindo de uma claridade um pouco afastada. Paro a observa-

ção e vou ver o que está acontecendo, certo de que só podia ser coisa do colega.

Rodolpho armara, com os marinheiros, uma grande fogueira e todos estavam dormindo ao seu redor. Sendo ele o chefe de máquinas do navio, foi atraído pelo braseiro e sua japona começou a pegar fogo. Na certa ele estava adorando o calorzinho, mas achei por bem acordar o dito, apagar sua japona e sugerir que procurasse um outro meio de se aquecer.

Mais uma vez estava se confirmando: *onde há fumaça, há Rodolpho.*

SER CHARMOSO!!!

Sete de fevereiro de 2001, será que é dia de sorte ou azar?

Cedo passo pela Conselheiro Zenha. A rua quase deserta. Uma senhora a atravessa e "estanca" na calçada à minha frente, e fala alto e bom som:

- Empurra o portão e entra...

Fiquei estupefato. Que sou charmoso, todo mundo sabe, mas ser assediado desta forma, um tanto violenta, nunca fui...

E agora, reagir ou obedecer?

Reagir? Como, se estava desarmado e a decidida e volumosa dama na certa me agrediria e eu iria pro "beleléu". Não vislumbrei nenhuma viatura policial ou, pelo

menos, um desses elementos. Correr, nem pensar, ela na certa me alcançaria, além do papel ridículo dessa minha escapada.

Obedecer? E ser vítima de violento assédio sexual? Hoje em dia o ex-sexo-fraco é que manobra e o ex-sexo-forte é um mero brinquedo... E depois, não se pode contar com a Delegacia de Defesa dos Homens.

Apavorado, esses pensamentos preventivos me ocorreram num micro lapso de tempo.

Espanto! Surge entre os carros estacionados ao meu lado um bem-comportado e obediente cão que passa junto a mim *empurra o portão e entra!*

Alívio ou desilusão???

PROCURA-SE UM FAROLEIRO

(1949/1951)

Rio, 6 de fevereiro de 2001

Prezado Comandante Paiva
Continuando a voltar à tona, aí vão mais duas
recordações.
Atenciosamente

Tarrise

Encarregado de Cópias de Fatos e Fotos

O NHi *Rio Branco* chega a Paranaguá e encontra a maior confusão.

O motivo: um faroleiro, nosso conhecido, do Farol de Conchas, após “encher a cara” fez-se ao mar, ou melhor, foi tomar banho na praia próxima ao Farol; ao sair da água (no bom sentido), nu, embrenhou-se no mato ralo da ilha; dois dias se passaram e nada do faroleiro.

Às incessantes buscas feitas pelo pessoal do farol e moradores locais se incorporaram os homens que o comandante do navio prontamente enviou. Fazia parte desse pessoal, logicamente, o nosso Doc, 1º Ten médico Olyntho Duarte Magalhães.

Finalmente o faroleiro foi encontrado. Estava caído no mato ralo, imóvel, apenas movendo os olhos e não conseguindo sequer chamar a atenção do pessoal que passara várias vezes próximo dele, sem vê-lo.

O Doc imediatamente o socorreu. Depois, a bordo, comentou que nunca vira alguém naquele estado; estava sendo comido por uma infinidade de formigas e mutucas, e infestado de bernes.

E o Olyntho fez o milagre, conseguindo com tratamento sério recuperá-lo. A família do faroleiro ficou eternamente grata ao Doc e passou a tratá-lo como a um santo.

PRIMÓRDIOS DA ELETRICIDADE!!!

(1949/1951)

O NHi *Rio Branco*, devido às deficiências dos seus geradores, sempre que possível “filava” energia de terra.

Chegada a Santos

Logo que o navio atracou e estava se finalizando a amarração, um cabo da máquina pulou pro cais e foi levantando uma das tampas de caixa de energia usada pelos guindastes; passando a língua na ponta dos dedos da mão direita deu um rápido tapa de raspão nos contatos elétricos desencapados, e, virando pro Chefe de Máquinas Rodolpho, que ficara no convés, “berrou” a voltagem: 110, ou 220, não me lembro ao certo. Se fosse mais, não há dúvida que os contatos dariam o troco ao “voltímetro humano” retribuindo o tapa à altura...

Licenciamento em Florianópolis

Fomos em um grupo “pra terra”. Ao caminhar pelo Trapiche Rita Maria, onde es-

tava atracado o navio, sinto forte cheiro de borracha queimando e intrigado procuro a origem; foi quando o Rodolpho disse que não era nada demais. Apontou para o cabo que trazia energia de terra de um pequeno quadro elétrico do cais para bordo, ao longo do qual saía tênue fumaça além de se contorcer lentamente como se fosse uma cobra. Coisa muito natural.

Navegando

Tal qual caravela de antigamente o navio se fez ao mar sem... energia elétrica! O gerador seria consertado ou montado, não sei ao certo, durante a viagem.

Passamos pelo Farol da Rasa, rumo Sul, já escurecendo. Apesar do Rodolpho ter prometido não esperar os meses regulamentares e “dar a luz” em poucas horas, foram tomadas as providências para iluminar, com lâmpões, os pontos-chaves para a movimentação do navio, como os aparelhos do passadiço, camarim de navegação, estação-

rádio e, lógico, a praça de máquinas com sua faina particular: o gerador. O resto do navio? No maior "breu"... Jantou-se cedo, aproveitando o restante da claridade do dia. Depois o pessoal que não estava de serviço foi dormir. Realmente o Rodolpho cumpriu o prometido, pois quando "entrei

de quarto" à meia noite, a iluminação já estava normal.

E eu que cheguei a pensar que o reparo só seria realizado em Itajaí... Lá havia pequena oficina de construção do cais novo, que sempre atendia ao navio. Afinal tínhamos saído do Rio de Janeiro, um porto sem recursos...

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

☐ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<NOMES> / Paiva, Leopoldo F. C. D. de /; Hidrografia; NHi Rio Branco; Estórias;

**Nunca veremos o sol nascente
se mantivermos o nosso olhar em
direção ao poente.**

Provérbio japonês



Ajude a manter viva a nossa História!

Um Museu tem vida. Muitas vidas, contidas em um espaço que resgata a sensação de imortalidade. Muito mais que exposições, registro de fatos e de seus personagens, um museu traz para o nosso cotidiano a alma daqueles que traçaram os rumos da sociedade. Sem essa memória, continuaríamos como crianças a engatinhar pela História.

E para que uma parte importante da História do Brasil mantenha-se preservada, o Serviço de Documentação da Marinha está restaurando o Museu Naval. Você também pode fazer parte deste grande projeto. Seja sócio da Liga dos Amigos do Museu Naval. A Liga também tem o objetivo de contribuir para ampliar a ação do Espaço Cultural da Marinha, dos navios-museus e demais departamentos do Serviço de Documentação da Marinha.

Contribua para que a nossa História não caia no esquecimento. Associe o seu nome ou o de sua empresa à Liga dos Amigos do Museu Naval. Mais informações pelo telefone: (021) 3870-6926 ou na Internet: <http://www.mar.mil.br/~sdm>. O nosso e-mail é 01@sdm.mar.mil.br